

MULHERES NEGRAS E LITERATURA ERÓTICA: TRANSFORMANDO O SILÊNCIO EM LINGUAGEM E AÇÃO

Ana Terra Araújo (UNEB)²⁷

anaterraaraujo@gmail.com

Elizabeth Gonzaga de Lima (UNEB)

profbethliteratura@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar como a literatura erótica escrita por mulheres negras, nos circuitos alternativos de publicação, têm contribuído na construção de novas possibilidades de representação desses corpos na cena literária. O legado da escravidão enraizou na sociedade brasileira a ideia de que o corpo negro é uma mercadoria, com isso tornou-se corriqueira a presença de produções nas quais, mulheres negras são representadas de maneira promíscua, animalizada e hipersexualizada. Logo, na tentativa de romper com a imposição de ser corpo-objeto, vem crescendo o movimento de divulgação desses escritos nas literaturas emergentes, a exemplo das antologias e coletâneas – afinal de contas, essas produções destacam o corpo como um lugar político. A fim de exemplificar essa investigação a análise utiliza os poemas “Macho folgado” e “Dúdú”, presentes na coletânea *Erupções feministas negras* (2020), organizada pelo Coletivo Louva Deusas. De caráter bibliográfico, o trabalho se fundamenta nas reflexões de Audre Lorde (2020), bell hooks (2020), Spivak (2010) e Conceição Evaristo (2005). Esta leitura analítica, além de oportunizar a visibilidade de produções eróticas que não possuem espaço no mercado editorial tradicional, contribui para visibilizar a luta das mulheres negras que buscam através de seus escritos a (auto) representação e o controle do próprio corpo.

Palavras-chave:

Literatura negra. *Erupções feministas negras*. Circuitos alternativos de publicação.

ABSTRACT

The aim of this paper is to investigate how erotic literature written by black women in alternative publishing circuits has contributed to the construction of new possibilities for representing these bodies on the literary scene. The legacy of slavery has ingrained in Brazilian society the idea that the black body is a commodity. As a result, the presence of productions in which black women are represented in a promiscuous, animalized and hypersexualized way has become commonplace. Therefore, in an attempt to break away from the imposition of being a body-object, there has been a growing movement to disseminate these writings in emerging literatures, such as anthologies and collections - after all, these productions highlight the body as a political place. In order to exemplify this research, the analysis uses the poems “Macho folgado” and “Dúdú” present in the collection *Erupções feministas negras* (2020), organized by

²⁷ Agradeço a agência de fomento CAPES pela concessão da bolsa na modalidade do doutoramento. Esse apoio financeiro é de extrema importância para o desenvolvimento deste estudo.

Coletivo Louva Deusas. This bibliographic work is based on the reflections of Audre Lorde (2020), bell hooks (2020), Spivak (2010) and Conceição Evaristo (2005). This analytical reading, in addition to providing visibility for erotic productions that have no space in the traditional publishing market, contributes to making visible the struggle of black women who seek (self) representation and control of their own bodies through their writings.

Keywords:

Black literature. Alternative publishing circuits. *Erupções feministas negras*.

1. Introdução

A história das mulheres negras no Brasil é tecida por relatos de escravidão, violência, servidão e silenciamento. Enquanto mercadoria, esses corpos estavam à mercê das necessidades do homem branco – que poderiam ser econômicas e/ou sexuais. Os senhores de engenho eram vistos como proprietários desses corpos, por isso, a mulher negra era tratada como objeto-mercadoria de ganho: tanto de lucro, como de prazer.

Pensar o corpo da mulher negra no sistema escravista é, antes de tudo, refletir sobre o papel dele enquanto força de trabalho. Portanto, para questionar a maneira como esse grupo era violentado é necessário ter em mente que “(...) o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras” (DAVIS, 2016, p.17).

Enquanto corpos escravizados, esperava-se que as mulheres negras fossem trabalhadoras em tempo integral. Quando os serviços prestados eram de cunho sexual, esses corpos eram dominados pelos homens brancos sempre que desejavam se satisfazer; desse modo, eram vistas como espaço de deleite para esses indivíduos - de maneira agressiva, violenta e não consentida.

Essa violência sofrida acaba contribuindo para que fosse enraizada na sociedade o imaginário de que esses corpos, por serem uma propriedade do homem branco são passíveis de controle, coisificação e abuso. Assim como os demais discursos sociais, a cena literária acaba trazendo nas suas produções “(...) determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro (...) encontrados desde o período da literatura colonial” (EVARISTO, 2005, p. 52).

Entre os relatos (re)produzidos, temos o fato de que os homens brancos se deitavam com as negras escravizadas sempre que sentiam a

necessidade – muitas vezes até como forma de punição, quando eles afirmavam que essas mulheres eram desobedientes demais e careciam de domesticação. Em “Casa-grande & senzala”, Gilberto Freyre (2003, p. 36) interpreta a forma como o pensamento da sociedade brasileira foi estruturado; neste imaginário social, as mulheres eram categorizadas da seguinte forma: “(...) branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”. Assim, além de estabelecer e potencializar uma narrativa que coloca esses corpos em um lugar de coisificação, esse discurso acaba responsabilizando as mulheres negras pelos abusos sexuais cometidos pelos homens brancos.

A literatura e a história, por muito tempo, foram escritas e contadas por homens brancos detentores do poder e do domínio sobre esses (e, tantos outros) corpos é comum termos a presença de produções nas quais as mulheres negras acabam se deparando com narrativas que ainda representam seu corpo dessa maneira coisificada e passível de violência ou, em outro ponto, como um corpo inexistente, sem importância e que não merece ser mencionado e representado de maneira humanizada.

Esse cenário onde a representação ao corpo da mulher negra é atribuído de maneira conivente ao legado da escravidão faz com que, na contemporaneidade, essas mulheres não consigam se identificar com as produções. Assim, é preciso pensar se mulheres negras que escrevem tivessem a oportunidade de publicar narrativas em que falam sobre si, será que elas se (auto)representariam dessa forma? Será que narrativas de objetificação, animalização e subserviência estariam no centro das produções? Será que as personagens seriam construídas sempre com apelos pejorativos onde seus corpos são descritos como o motivo da perdição do homem branco? Perdição essa que, na verdade, era um abuso.

Hugo Achugar (2006) apresenta o termo “planetas sem boca” enquanto reflexo do “outro”; sendo o outro, aquele alguém que deve ser evitado, que deve ser desqualificado, que não possui valor e, assim, é desautorizado a falar sobre si. Mulheres negras cresceram, viveram, vivem e, algumas, até morreram vendo seus corpos sendo representados na literatura de maneira hipersexualizada, sem qualquer autorização para falar sobre si.

Entretanto, o silêncio das mulheres negras frente a essas representações não estava protegendo seus corpos. Mesmo obedientes, as violências aconteciam. Dito isto, as mulheres negras estão rompendo com esse silêncio e uma das formas mais potentes de construir novas possibilidades de (auto)representação tem ocorrido por meio da linguagem.

2. *O corpo que rompe, fala, escreve e goza*

Discursos sociais, religiosos e midiáticos cristalizaram, ao longo dos anos, imposições responsáveis por controlar e tentar proibir, as mulheres de falar sobre si, sobre seus corpos e suas experiências. Determinar o que pode ser dito e, especialmente, o que não deve ser verbalizado é uma das formas de atender às expectativas daqueles que dominam a sociedade e enxergam o corpo feminino como propriedade.

A partir do momento que o silêncio se torna uma imposição, o corpo feminino foi por bastante tempo representado por narrativas construídas por homens brancos. No que diz respeito às mulheres negras, esses corpos foram representados na literatura de maneira objetificada, hipersexualizada e animalizada devido à herança da escravidão. Por isso, Conceição Evaristo (2005, p. 52) afirma que “a representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto do macho senhor”.

Assim, ao pensarmos nas questões relacionadas ao corpo e a sexualidade das mulheres negras é possível deparar-se com duas narrativas contadas a partir de uma perspectiva única: ora as produções que fortalecem a estigmatização desse corpo-objeto-animalizado, ora a ausência de representação resultando na invisibilidade desses corpos. Independente da abordagem, as mulheres negras não se contentam mais com essas representações atribuídas.

Portanto, muitas dessas mulheres encontram na escrita a possibilidade de romper com as representações que não se identificam e, também, a oportunidade de construir narrativas em que elas se (auto) representem. Para tal feito, essas escritoras colocam em prática o exercício proposto por Audre Lorde (2020), transformar o silêncio em linguagem e ação; e, para que isso ocorra é preciso:

[...] um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo (LORDE, 2020, p. 54)

Spivak (2010, p. 118) questiona “pode o subalterno falar?” para chamar atenção do silenciamento imposto aos grupos colocados à margem da sociedade. Trazendo essa discussão para a proposta deste estudo, é cabível problematizar: quando as mulheres decidem falar há quem escute? Esses discursos são legitimados? E, quando se escreve, onde publicar? Logo, para atender a urgência da fala, as escritoras negras estão bus-

cando estratégias para falar sobre si; entre as muitas estratégias adotadas, cabe destacar a produção de literatura erótica nos circuitos alternativos de publicação, onde “o corpo é um lugar político” (AGUILAR; CÁMARA, 2017, p.30).

De acordo com Lorde (2020, p. 70) o erótico deve ser tratado como uma força vital das mulheres, energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e cuja aplicação propicia a reivindicação da nossa linguagem, da nossa história e da nossa vida. Sendo assim, quando as mulheres enxergam na literatura erótica o poder estruturalmente negado, elas buscam por meio da escrita reivindicar e assumir o lugar de protagonismo - da sua voz, do seu corpo, do seu prazer e da sua narrativa de vida.

Por sermos humanos, o erotismo constitui quem somos, entretanto por meio da história única que foi enraizada na nossa sociedade, foi imposto às mulheres a negação dessa força vital. Afinal de contas, ao se apropriar dessa energia revigorante, o feminino tende a se mostrar menos disposta a conveniência, subserviência, autonegação, autoapagamento e silenciamento. Esse processo só é possível porque:

[...] quando passamos a viver de dentro pra fora, em contato com o poder erótico que existe dentro de nós, e permitindo que esse poder oriente e ilumine nossas ações no mundo ao nosso redor, é que começamos a ser responsáveis por nós mesmas no sentido mais intenso. Pois conforme passamos a reconhecer nossos sentimentos mais profundos, é inevitável que passemos também a não mais nos satisfazer com o sofrimento e a autonegação, e com o torpor que frequentemente faz parecer que essas são as únicas alternativas na nossa sociedade. (LORDE, 2020, p. 73)

Os escritos eróticos estão sendo publicados em antologias e coletâneas, afinal “embora ausentes dos circuitos editoriais e literários instituídos, elas escrevem, publicam e tensionam as interdições de suas vozes, abalando os discursos depreciativos sobre si” (SILVA, 2010, p. 19). A ausência de espaço no mercado editorial tradicional reflete o quanto a cena literária é um espelho da nossa sociedade, por isso mulheres negras seguem encontrando obstáculos ao decidir falar sobre o seu corpo, suas relações, seus orgasmos e a importância do consentimento.

3. *Erupções feministas negras: o erótico como estratégia política*

Os circuitos alternativos de publicação estão sendo buscados pelas mulheres negras que decidiram, através da escrita erótica, desconstruir as representações estereotipadas, oriundas do sistema escravista acerca do seu corpo e sexualidade. Essas produções se constituem de maneira ur-

gente, afinal apresentam narrativas que buscam por meio da resistência, do empoderamento e entendimento de si ressignificar a maneira como seus corpos vinham sendo representados no mundo literário. Sendo assim, esses caminhos alternativos de publicação são vistos como uma estratégia para essas escritoras negras, afinal se apresentam como:

[...] iniciativas no campo editorial, comprometidas com a difusão de temas especificamente ligados ao universo afrodescendente, com claro propósito de alteração das configurações do imaginário social hegemônico. Possuem caráter deliberadamente independente. Seus autores são preferencialmente negros ou, em alguns casos, não-negros comprometidos com o combate ao racismo em todas as suas formas [...] possuem nítido projeto de intervenção político-intelectual a fim de criar debates e formar continuamente leitores sensíveis à diversidade em sentido amplo. (OLIVEIRA, 2018, p. 157)

Em uma sociedade onde é construída a ideia de que o perfil ideal e, conseqüentemente, detentor do poder é: masculino, branco, heterossexual e burguês; o que restaria ao corpo negro e, especialmente, a mulher negra? O descaso, o silêncio, o controle e a coisificação. Diante disto, o mercado editorial tradicional ainda segue se ancorando nesse padrão universal - que rege as relações sociais, econômicas e políticas - e, assim, mulheres negras não encontram espaço nas grandes editoras para tornar pública suas narrativas e consolidar a autoria das suas obras.

Seguindo por essa proposta de estimular a construção de um novo imaginário social acerca das mulheres negras, novas produções têm surgido nos circuitos alternativos de publicação com o intuito de romper com o perfil identitário que foi atribuído a esses corpos. Um perfil que impossibilita a (auto)identificação e que insiste em colocar esses corpos à margem da sociedade.

É possível mencionar a 3ª coletânea de literatura e arte feminista negra intitulada *Erupções feministas negras* (2020), organizada pelo Coletivo Louva Deusas enquanto uma dessas produções que buscam por meio da escrita erótica romper e transgredir as representações estereotipadas sobre o corpo e a sexualidade da mulher negra. Idealizada e pensada para oportunizar a publicação de escritos cuja autoria seja de mulheres negras, esse coletivo após edital público com chamada para textos/desenhos/fotografias contou com o apoio financeiro para que o livro fosse produzido e publicado.

No caso da coletânea mencionada, o apoio foi ofertado pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e o lançamento ocorreu através de um evento aberto à comunidade em março de 2020. Nesta edição

formada por 57 mulheres – de diferentes cidades do Brasil e uma escritora africana do Quênia – é possível conhecer artes visuais, micro contos, narrativas livres e poemas que abordam o erotismo a partir da perspectiva da mulher negra.

Dentre as produções que compõem esta coletânea, destacamos os textos “Macho folgado”, de Julie Lua, e “Dúdú”, de Marina Afares. Apesar das especificidades presentes em cada narrativa, é possível perceber que há uma urgência coletiva, predominante no corpo e na existência dessas mulheres, sendo partilhada por meio da escrita erótica.

Julie Lua, em “Macho folgado”, começa a sua abordagem fazendo uma denúncia e deixando implícita a problematização: por que ao pensar em sexo oral temos, majoritariamente, os homens como dignos do prazer? Incomodada com tal imposição, a autora determina não mais compartilhar com essa questão e, não satisfeita, vai além:

Chega de boquete
Já paguei a minha cota
Agora são vocês que me devem
E eu quero na mesma nota
Exijo um serviço bem prestado
Chupadas no grelo para deixar excitada (LUA, 2020, p. 126)

O sexo oral nunca foi uma prática bem-vista na sociedade. Sendo por muito tempo um tabu, a permissividade da prática oral só se torna possível se o alvo de prazer fossem os homens. Compreendendo esse lugar de prisão, Julie Lua decide romper com essas amarras trazendo à tona outro tabu:

[...]
Quero você lambendo sem frescura
A vulva escorrendo e não me interessa se a sua pica tá dura
Mete a língua o dedo e me chupa
O cuzinho também pede uma lambida
Lambe que até ele pisca
Eu quero prazer
Chega de dar sem receber (LUA, 2020, p. 126)

Ao mencionar a possibilidade do prazer anal, a autora não só menciona outro tabu como também evidencia que o corpo feminino pode sentir prazer de diferentes formas. Além disso, Julie Lua rompe com a lógica de que o prazer sexual só ocorre por meio da penetração; dialogando, assim, com bell hooks:

[...] várias mulheres e vários homens ainda consideram que a performance sexual masculina é determinada somente pelo fato de o pênis estar ou não ereto e a ereção ser mantida [...] enquanto os homens devem se desapegar

do pressuposto de que a sexualidade feminina existe para servir e satisfazer suas necessidades, várias mulheres também devem se desapegar da fixação da penetração. (hooks, 2020, p. 133-4)

Romper com a lógica da penetração enquanto única forma de relacionar-se sexualmente é, conjuntamente, romper com a premissa de que o ato sexual só existe para satisfazer o sexo masculino:

[...]
Cansei de meter
E só você gozar
Macho folgado
Quer ganhar boquete deitado?
De braços cruzados?
Faça você por merecer
Porque essa noite eu quero ter prazer (LUA, 2020, p. 126)

Julie Lua questiona as imposições na mesma proporção que traz à tona uma voz feminina que se posiciona, conhece o próprio corpo, entende o que lhe satisfaz e determina que não mais será um corpo-objeto que existe, apenas, para servir o sexo oposto.

Em “Dúdú”, a escritora Marina Afares segue nessa perspectiva de enfrentar uma norma que não se preocupa com o prazer feminino e destina a esse corpo a obrigação de submeter-se ao outro. Para tal feito, ela clama:

Salve tuas forças, mulher!
Erga a cabeça, sobe nas mata, faça caça, dê de comer
Salve tuas forças, mulher!
Desça.
Permita que as mãos próprias se espalhem por toda a concha
Ceder
Até que as pernas se contorçam no meio fio dos lábios
Salve tuas forças, mulher! (AFARES, 2020, p. 144)

Referindo-se a vulva, a escritora opta por uma linguagem poética em que ela faz uma associação e utiliza o termo “concha” para descrever a genitália feminina. Levando em consideração que a estética da concha, em muitos casos, se parece com uma vulva a escolha do termo foi estratégica, poética e perspicaz – afinal de contas, assim como a concha e o mar, a vulva feminina quando bem explorada revela uma imensidão de prazer.

A partir disso, Marina Afares aborda uma prática sexual muito questionada pelos discursos que desejam seguir controlando esses corpos: a masturbação feminina. Além do prazer proporcionado, a escritora enaltece que ao se tocar e estimular seu próprio gozo as mulheres vão se

conhecer de maneira íntima e, só assim, terão dimensão do poder que está adormecido em si:

[...]
Nada que eu experimentei foi igual a mim
ou a você
Eu tenho pena e salto fundo
Saudando e metralhando internamente
Só com o meu poder
Salve tuas força, mulher!
Só tu conhece a ti mesma como ninguém
Avance
Penetrar sempre foi coisa nossa e por isso a vontade
não esgota
Salve tuas mana, mulher!
Aqui no meio do nada,
tudo só fez sentido com vocês
Nossas tretas, nossos segredos, nossas mandigas,
nosso poder (AFARES, 2020, p. 144)

Durante o texto *Usos do erótico: o erótico como poder* (2020), Audre Lorde aconselha às mulheres a não temerem o erótico. Muito pelo contrário, segundo essa autora, ao assumir a essência erótica que há dentro de cada uma torna-se possível assumir o controle do próprio corpo ao passo que se enfrenta as imposições e violências ainda sofridas:

[...] menos disposta a aceitar a impotência, ou aqueles outros estados do ser que nos são impostos e que não são inerentes a mim, tais como a resignificação, o desespero, o autoapagamento, a depressão e autonegação (LORDE, 2020, p. 73)

Em “Dúdú”, ao assumir a essência erótica, podemos perceber uma mulher que descobre, reconhece e se afirma por meio de sua trajetória; e, com isso, é capaz de determinar “(...) me fiz inteira, me forjei no aço, no maço, na marba gelada” (AFARES, 2020, p. 144). O entendimento de si oportunizado pela força vital que reside na essência erótica contribui, inclusive, para o enfrentamento das opressões vividas por esses corpos.

Ainda que as questões aqui mencionadas possam, também, ser demandas das mulheres brancas, quando esses escritos são experiências/vivências das mulheres negras há questões ainda mais latentes. Enquanto herança da escravidão, o corpo da mulher negra é tratado como objeto-mercadoria ora para prazer, ora para lucro e mão de obra barata.

Em decorrência desse contexto, quando representadas na cena literária o corpo negro ou era tratado de forma animalizada/promíscua/hipersexualizada, ou sequer são representadas resultando no apagamento; até porque “(...) a literatura surge como um espaço privilegiado de pro-

dução e reprodução simbólica de sentidos” (EVARISTO, 2005, p. 52) logo, o modelo/padrão estético, construído no imaginário social e literário, de mulher é o corpo branco e magro.

Portanto, a dimensão dessa escrita erótica produzida nessa 3ª coletânea de literatura e arte feminista negra intitulada *Erupções feministas negras* (2020), organizada pelo coletivo Louva Deusas, contempla uma demanda significativa, afinal, proporciona que mulheres negras possam tornar público os seus escritos por meio dos circuitos alternativos de publicação, coisa que o mercado editorial tradicional não proporciona. E, antes de mais nada, traz para o centro da cena um corpo que encontrou na escrita erótica o caminho para romper com as amarras do patriarcado, do sexismo e do racismo.

4. *Considerações finais*

A manifestação erótica permite que as mulheres se empoderem e, para nossa sociedade, mulheres empoderadas são perigosas. Perigosas pelo simples fato de negar o que não lhe convém, de assumir outras narrativas sobre sua existência, de se mostrar como um corpo vivo que não deve, apenas, satisfazer o outro; mas, antes de mais nada, deve entender o que lhe satisfaz. Mulheres empoderadas enfrentam e desnaturalizam uma história única construída com silêncios, apagamentos, dores e submissões.

Imersas na necessidade de se empoderar e assumir a autonomia de si, mulheres negras estão depositando na escrita erótica o grito que por muito tempo ficou adormecido nestes corpos. Os escritos não só apresentam a manifestação de uma sexualidade por muito tempo controlada como, também, podem ser vistos como um manifesto político onde a luta por resistir e militar se entrelaçam como corpos nus.

As escritoras negras buscam os circuitos alternativos para publicizar essa manifestação erótica ao mesmo passo que lutam pela desconstrução das representações estereotipadas, oriundas do sistema escravista, acerca do seu corpo e da sua sexualidade. Tais produções se apresentam de maneira urgente, uma vez que ecoam as vozes dispostas a não só enfrentar essa estrutura, mas, também, apresentar uma ressignificação da maneira que estavam sendo representadas no mundo literário.

A literatura tem o poder de convocar o outro a falar sobre si, sobre suas experiências e vivências. Assim, as mulheres negras que produzem

literatura erótica nos circuitos alternativos podem, ainda, não ter um espaço consolidado, visível e de prestígio no mercado editorial tradicional, porém, os escritos já estão sendo apresentados com o intuito de convidar o público leitor a conhecer novas falas sobre o corpo, a sexualidade, as relações e o gozo dessas mulheres. E, o melhor, com essas vozes assumindo o lugar de enunciação! Afinal, é como destaca Audre Lorde (2020, p.55) “(...) há muitos silêncios a serem quebrados” e com o erotismo iniciamos as preliminares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

AGUILAR, Gonzalo; CÁMARA, Mario. Nudez sem vergonha. In: ____; _____. *A máquina performática: a literatura no campo experimental*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In: _____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

COLETIVO LOUVA DEUSAS. *Erupções feministas negras: 3ª coletânea de literatura e arte feminista negra Louva Deusas*. Org. de Priscila F. Romio, Gabriela dos Santos. São Paulo: Edição Independente, 2020.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares*, ano 1, n. 1, p. 52-7, Brasília, agosto de 2005.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. São Paulo: Global, 2003.

HOOKS, bell. *Eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Trad. de Bhuvli Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Trad. de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. *Os quilombos editoriais como iniciativas independentes*. Belo Horizonte: Aletria, 2018. (v. 28, n, 4)

_____; RODRIGUES, Fabiane Cristine. *Trajatórias editoriais da literatura de autoria negra: poesia, conto, romance e não ficção*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

PEREIRA, Maria do Rosário A.; COUTINHO, Samara Mirian. *Padê Editorial e Nega Lilu: representatividade feminina no mercado editorial independente*. Brasília: UNB, 2021. (n. 62)

PERROT, Michele. Os silêncios do corpo da mulher. In: _____. *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003.

SILVA, Francielle Suenia da Silva. *A representação do corpo da mulher negra nas narrativas de Conceição Evaristo*. Minas Gerais: Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

SPIVAK, G. Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. de Sandra Regina G. Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.